

CARTEL, MAIS UM PASSO DA FORMAÇÃO

Nosso ensino não é completo nem dogmático, tampouco para ser repetido em manuais sobre “como fazer”. A Psicanálise requer uma formação permanente, porque ainda que a teoria esteja posta por seus antecessores – Freud e Lacan – o labor de cada um que a ela se dirige, requer uma reconquista e a subjetivação do saber textual, para então criar a possibilidade de um saber fazer com o real que se entrevê.

Em “Situação da Psicanálise e a formação do psicanalista”, de 1956, Lacan denuncia a hierarquia institucional e a questão da didática de ensino que mantém os alunos submissos e reverentes a tudo que lhes é dito. No “Ato de fundação”, coloca a questão da autorização – de quem seria a concessão? – imprimindo aí a responsabilidade ética de cada um por seu percurso e seu discurso. Mais adiante, na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, acrescenta: “O analista deve se autorizar de si mesmo ... e alguns outros”, destacando aí a função da Escola.

A complexidade da formação analítica ocorre pela aposta de que ela vai tomando corpo no transcorrer de nossas análises, em nossas inquietações clínicas que nos colocam a falar e a nos escutar em supervisões e ainda nos desconfortáveis impasses frente ao vislumbre de que, sim, precisamos dar mostras em ato do que estudamos, articulando cada texto advindo do cerne psicanalítico à nossa prática de analistas. Em “Nota Italiana” (1973) aponta, “não somos sem os outros”. Para que um analista se autorize é necessário estar enlaçado ao ato de institucionalizar a Escola, considerando a proposta lacaniana de que mesmo se autorizando por si mesmo, o pretense analista não pode deixar de se autorizar de outros. (Seminário 73/74).

O laço do analisante com uma Escola de Psicanálise acontece pela transferência de trabalho, trabalho de indução ao trabalho, movimento que se endereça e é acolhido pela Escola, sustentando o desejo de saber, que poderá se propagar alhures.

Essa transferência não é dada a priori, pois não basta transferirmos dados, é um efeito, algo ressoa ou não, é desejo de saber em ato. Trata-se da indissociável transposição de efeitos imaginários de uma formação de grupo, de demandas de reconhecimento ou ainda de um funcionamento baseado em suficiências. O laço analítico coloca em jogo e visa a diferença, o Um da singularidade. É laço que coloca as identificações em questão, onde narciso não impera, ainda que conviva.

Para quem se aproxima da APC, oferecemos como entrada no universo psicanalítico, seminários teóricos, grupos de estudos, mostras de trabalhos e algumas articulações da Psicanálise com outras áreas de conhecimento. Meios de transmissão e interlocução, visando, ainda que não garantida, a transferência de trabalho.

Também entendemos relevante que o nosso laço institucional *princeps* seja através dos Cartéis, seguindo os significantes lacanianos, ao propor no Ato de fundação de sua escola a elaboração e execução do trabalho apoiado num pequeno grupo com características próprias. Ponto de interseção e articulação de trabalhos entre analisantes e a escola, preservando a singularidade dos membros, mas mantendo a tangência entre eles. Seus membros se relacionam no mesmo nível dos pares e, sejam quais forem suas diferenças, elas não devem modificar a estrutura do grupo. Uma aposta de transmissão, oferta de um espaço em que cada um dá mostras, ultrapassando as inibições com a palavra e a escrita, para surgir um “saber fazer” teórico, operante com o não saber.

Colette Soler, em “O que faz laço”, lembra que no início do Seminário XXIV, Lacan fala de um tipo de identificação que não seria a primordial, tampouco por meio de um traço,

mas uma identificação por participação no desejo que anima o outro, na falta que anima seu trabalho, no caso, transferência de trabalho.

Pensar em cartel é refletir sobre a dobradiça que envolve o trabalho sobre o tema, questões que emergem a cada um e ao coletivo para qual seu desançamento se destina, pois, afinal, um cartel não é uma reunião de pessoas, mas uma proposta de trabalho que se declara para uma instituição de Psicanálise, e isso tem consequências de responsabilidade de funcionamento.

A função “mais um” se presentifica na estrutura como ponto vazio, furo de saber que mantém aberta a possibilidade de trabalho e conclusão sobre o que se declarou em seu início. Sua função é convocar movimento e circulação da palavra em seus membros, fazendo de cada um, trampolim de um saber singular lançado na roda, circunscrevendo o enlaçamento marcado pelas diferenças. O “mais um” marca a diferença, inibe a unidade (3, 4 ou 5), para pontuar $1+1+1+1$, mais um como lugar de extimidade: nem dentro nem fora, fora e dentro em uma subversão do tempo. Apontando ao grupo a escuta de um “fora”, um estranho que lhe é absolutamente íntimo. Sua participação visa manter viva a manutenção do laço transferencial e não propriamente trazer um saber acumulado que muitas vezes lhe é suposto.

Por vezes, às vezes várias, quando nos dispomos a trabalhar no estilo lacaniano, não é possível se chegar ao alvo, seja por não se ter encontrado o fio condutor, ou por tê-lo perdido no caminho, seu funcionamento pode ficar inviabilizado e o grupo se desfaz. Pode também ocorrer de se chegar ao seu término, os membros apresentarem seus trabalhos, mas ficarmos inquietos por termos permanecido muito distantes do propósito do anolamento. Enfim, poderão ocorrer diversos efeitos de agrupamento e caberá a cada um discutir e elaborar as questões do caso a caso. De qualquer forma o indesejado é morrer no silêncio.

Verdadeiramente, anolar um cartel exige que possamos transpor os inúmeros fenômenos de grupo e que o tripé analítico possa nos sustentar. Assim, entremeado pelas básculas do inconsciente, **poderá** advir a oportunidade de um trabalho em que o imaginário, o simbólico e o real se enodem produzindo frutos em torno do cerne dos três registros: o objeto a, objeto que falta ao atar do nó e ainda anolar o quarto nó ao Nome do Pai, o pai como ex-sistência. Entretanto, para que este nó cumpra sua função pelo tempo necessário de criação e produção, há de se sustentar o movimento moebiano de um a um na fita que percorre a intensão e a extensão. Um percurso de entrelaçamento do lugar privado ao público, em um testemunho de trabalho feito na escola e não para a escola. A reunião de um cartel tem a tarefa comum de pensar a Psicanálise a partir de seus textos e da experiência clínica, fazendo uma tessitura nas bordas do vazio de saber, convidando cada membro à própria invenção de um novo significante.

Esse modo de trabalho subverte a mestria de um pai situado no espaço de liderança e identidade, fonte de amor e ódio por seu poderio. Tampouco é regido pela fraternidade que favorece as rivalidades imaginárias e mortíferas do “narcisismo das pequenas diferenças”, disputando todo e qualquer quinhão para não cair no anonimato da massa.

A lógica deste tipo de trabalho ocorre em torno da falta de significante no Outro S (A/), onde poderá então advir o S1 de cada um, a lógica do não todo; e não só em torno de uma exceção, de um S1, como significante da falta no Outro S/ (A).

A regência de um cartel é marcada pela presença de sujeitos capazes de se haver com a infundável presença narcísica, bem como fazer da dívida simbólica ao Pai, fio sustentável de produção criativa, nomeando um novo dizer.

Anolar um cartel significa trilhar um percurso lado a lado com pares, em torno de um tema comum que suscita questões diversas e, portanto, busca cumprir a realização de um

produto próprio, com a marca do escrito de cada um, testemunho à comunidade de um trabalho que tem seu momento de concluir, para então se lançar outra vez como questão.

Retorno ao ponto inicial, nosso ensino não é completo nem dogmático, tampouco se presta para ser repetido em manuais sobre “como fazer”. Abarcar a Psicanálise como elo propulsor de vida, requer de cada sujeito a dedicação e responsabilidade pela escolha do percurso. A formação do analista vai percorrendo o tempo de cada transeunte, que ao saber-se não todo, não se deixará levar pela ilusão de qualquer fixação temporal advinda de um saber determinante.